

GUTEMBERG, Alisson; LIMA, Tiago José. Cinema, representação e relação de poder: uma análise do filme "Que horas ela volta?". *Domínios da imagem*, v. 11, n. 20, p. 298-310, jan./jun. 2017.

ISSN 2237-9126

Recebido em 11/08/2016 e aprovado em 27/06/2017

**CINEMA, REPRESENTAÇÃO E RELAÇÃO DE PODER:
UMA ANÁLISE DO FILME "QUE HORAS ELA VOLTA?"**

**MOTION PICTURE, REPRESENTATION, POWER RELATIONS:
AN ANALYSIS OF THE MOVIE "SECOND MOTHER"**

Alisson Gutemberg*
Tiago José Lima**

Resumo: Nossa proposta é discutir as relações de poder, por meio das imagens do filme *Que Horas Ela Volta?* (Anna Muylaert, 2015), construídas através dos arrolamentos sociais que envolvem o trabalho doméstico, tendo como eixo norteador a personagem Val, a partir da noção de poder proposta por Foucault (1979, 2003). Buscaremos compreender de que maneira o poder atua sobre o corpo do indivíduo, moldando, disciplinando, o comportamento social, levando em consideração também o papel da cultura em tal processo, a partir de um diálogo com autores como Elias (1990), Geertz (1989) e Morin (2011). Por fim, iremos observar de que maneira a composição da *mise-en-scène* ajuda na produção de sentido em congruência com a narrativa filmica.

Palavras-chave: Imagens. Poder. Relações sociais.

Abstract: Our aim is to discuss power relations observing the images on the movie *The second mother (Que Horas Ela Volta?, Anna Muylaert, 2015)*, constructed from social relationships that involves domestic work – represented by the character Val –, using the notion of power proposed by Foucault (1979, 2003). We seek to understand how power acts over the body of an individual, shaping social behaviour, also considering the role of culture in the process, dialoguing with authors as Elias (1990), Geertz (1989) and Morin (2011). Finally, we will observe how the *mise-en-scène* composition contributes to the production of sense in congruence with the filmic narrative.

Keywords: Images. Power. Social relations.

* Professor no Departamento de Comunicação Social da UFRN (DECOM / UFRN); doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS/UFRN).

** Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPGEM/ UFRN).

Introdução

Na obra *Falando da sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social*, Howard Becker (2009) propõe um entusiasmo maior pelas análises do campo social por meio das representações artísticas. Segundo ele, é de grande importância um maior interesse por formas e possibilidades criativas de relatar o social, pois é preciso levar em consideração as dimensões analíticas que o mundo artístico pode nos oferecer, haja vista que a atividade representacional nos proporciona um rico material sociológico e nos oferece um amplo campo de observação.

Partindo disso, na tentativa de pôr em prática as questões colocadas por Becker (2009), cujo intuito é investigar as relações sociais por meio de representações artísticas, encontramos no cinema uma ferramenta interessante para os nossos almejos epistemológicos: há nos estudos cinematográficos aporte suficiente para entusiasmar análises nesse sentido. Em Christian Metz (1977), por exemplo, encontramos a ideia de que entre todos os pressupostos investigados nos estudos cinematográficos, um dos mais válidos é a "impressão de realidade" provocada pelos modos de representação do meio. Já em Edgar Morin (1997), por sua vez, há a afirmativa de que na narrativa cinematográfica o mecanismo de projeção-identificação confere realismo às imagens projetadas na tela.

Sendo assim, podemos constatar que há no cinema uma relação maior, quando comparado com outras linguagens artísticas, com aquilo que os autores chamam de "impressão de realidade" (AUMONT, 1995; METZ, 1977; MORIN, 1997), aspecto que eleva o aparato cinematográfico a um patamar privilegiado dentro das análises sociais. De acordo com Jacques Aumont (1995), a "impressão de realidade" provocada quando estamos diante de um filme está relacionada com os materiais de expressão do próprio meio, que permite uma observação similar ao mundo em que

GUTEMBERG, Alisson; LIMA, Tiago José. Cinema, representação e relação de poder: uma análise do filme "Que horas ela volta?". *Domínios da imagem*, v. 11, n. 20, p. 298-310, jan./jun. 2017.

ISSN 2237-9126

vivemos: porção de ambiente em três dimensões, imagens coloridas e em movimento, são alguns dos exemplos. Dessa forma, colocadas tais questões, reforçamos que nosso intuito aqui é discutir os fatos sociais presentes no filme *Que Horas Ela Volta?* (Anna Muylaert, 2015), observando de que forma o poder atua domando e disciplinando o corpo (FOUCAULT, 1979, 2003). Para tanto, reafirmamos aqui a importância do cinema como campo de análise dos fatos sociais.

Corpo, poder e subjetividades

Em sua obra, Michel Foucault (1979, 2003) propõe uma genealogia do poder, buscando observar de que maneira ele opera domando, disciplinando e moldando o corpo. E é por meio de suas ideias que empreenderemos nossa análise acerca do filme *Que Horas Ela Volta?* (Anna Muylaert, 2015). Em seus escritos, Foucault não se limita a uma investigação reducionista, apenas apontando as origens do poder, mas sim a partir da tentativa de estabelecer procedimentos e técnicas de atuação em nosso meio social. Segundo o autor, a função do poder é agir sobre o comportamento dos indivíduos, tomados isoladamente ou em grupo. Todavia, é bom deixar claro que, para ele, o poder não existe como matéria, pois atua nas relações sociais. Não se trata de um objeto, mas sim de uma prática constituída historicamente.

Foucault (1979, 2003) não baseia suas observações na ideia de contradição, presente no pensamento dialético marxista, mas sim através do conceito de reciprocidade. Para ele, "os processos antagonistas não constituem, como o ponto de vista dialético pressupõe, uma contradição no sentido lógico do termo." (FOUCAULT, 2003, p. 260). Segundo Foucault (2003, p. 261), "o pensamento dialético é verdadeiramente muito pobre – de um uso fácil, mas verdadeiramente pobre – para quem almeja formular, em

GUTEMBERG, Alisson; LIMA, Tiago José. Cinema, representação e relação de poder: uma análise do filme "Que horas ela volta?". *Domínios da imagem*, v. 11, n. 20, p. 298-310, jan./jun. 2017.

ISSN 2237-9126

termos precisos, significações, descrições e análises dos processos de poder". É por isso que, ao invés de embasar seus estudos por meio da análise dialética, Foucault (1979, 2003) propõe pensar as relações de poder através da genealogia.

De acordo com Foucault (1979, p. 171), a genealogia é o "acoplamento do conhecimento com as memórias locais, que permite a constituição de um saber histórico das lutas e a utilização deste saber nas táticas atuais". Sendo assim, a genealogia é, portanto,

um empreendimento para libertar da sujeição os saberes históricos, isto é, torná-los capazes de oposição e de luta contra a coerção de um discurso teórico, unitário, formal e científico. A reativação dos saberes locais – menores, diria talvez Deleuze – contra a hierarquização científica do conhecimento e seus efeitos intrínsecos de poder, eis o projeto destas genealogias desordenadas e fragmentárias (FOUCAULT, 1979, p. 172).

Segundo Foucault (1979, 2003), as relações de poder são desiguais e devem ser pensadas como uma operação de políticas voltadas para moldar o corpo do indivíduo. Trata-se de um funcionamento responsável pelo estabelecimento de relações assimétricas, exercido no funcionamento diário, no nível de micopráticas, ou seja, nas tecnologias políticas onde nossos comportamentos se formam. De acordo com o autor, o poder não é apenas aplicado de cima para baixo, somente em função dos dominantes para subjugar os dominados, e é aqui que reside uma diferença cabal entre a lógica foucaultiana e o pensamento marxista clássico: "em que pese o fato de que diferentes grupos estejam emaranhados em relações de poder, desiguais e hierárquicas, nenhum desses grupos possui, realmente, o controle acerca das relações" (SOUZA, 2011, p. 106).

De acordo com Foucault (1979, 2003), o poder não é uma coisa, nem o controle irrestrito de um conjugado de instituições, tão pouco dominação

GUTEMBERG, Alisson; LIMA, Tiago José. Cinema, representação e relação de poder: uma análise do filme "Que horas ela volta?". *Domínios da imagem*, v. 11, n. 20, p. 298-310, jan./jun. 2017.

ISSN 2237-9126

em sua essência, pois ele não existe, "existem práticas de relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona" (FOUCAULT, 1979, p. 16). A partir disso, propondo uma genealogia do poder, Foucault (1979, 2003) observa, no âmbito da sociedade moderna, o surgimento do manicômio, da escola, do hospital, entre outros, como aparelhos que têm por objetivo disciplinar o corpo. Todavia, diferentemente de pensadores como Herbert Marcuse (1972), sua perspectiva não enxerga, em tais aparelhos, apenas características repressoras.

Dentro do pensamento foucaultiano, o poder reprime e oferece prazer ao mesmo tempo. Em sua lógica, a vigilância exercida pelo poder afeta diretamente o corpo, reprime o prazer, mas o próprio sistema oferece brechas. O mercado publicitário é um exemplo: a prática de reprimir o corpo, o prazer, cria, por outro lado, indústrias financeiramente rentáveis, que se alimentam da sensualidade – tais como a pornografia e a indústria da moda.

Se o poder fosse somente repressivo se não fizesse outra coisa se não dizer não, você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir (FOUCAULT, 1979, p.9).

Na perspectiva de Michel Foucault (1979, 2003), a matéria corpórea assume papel importante, pois o poder vigilante atinge a realidade concreta dos indivíduos, o corpo. Através de procedimentos técnicos que são: controle dos gestos, atitudes, comportamentos, hábitos, discursos, entre outros. Porém, como já mencionamos, é importante a compreensão de que tal processo nem sempre aparece de maneira repressiva, por meio de

GUTEMBERG, Alisson; LIMA, Tiago José. Cinema, representação e relação de poder: uma análise do filme "Que horas ela volta?". *Domínios da imagem*, v. 11, n. 20, p. 298-310, jan./jun. 2017.

ISSN 2237-9126

censura, haja vista que o objetivo, na maioria dos casos, não é mutilar o corpo, mas aprimorá-lo, adestrá-lo. A partir disso, podemos dividir a noção de poder aqui discutida em dois campos: "positivo" e negativo. Onde o segundo está atrelado ao Estado, perspectiva que dialoga com as noções de Marcuse (1972), por meio de aparelhos repressivos que castigam e dominam; e o primeiro com a ideia de que o poder direciona a vontade e os prazeres. E é justamente a noção de poder "positivo" que nos interessa aqui.

A partir dessa noção, podemos estabelecer um diálogo entre Foucault (1979) e diversos autores, tais como: Norbert Elias (1990), Clifford Geertz (1989) e Edgar Morin (2011). Nos autores pontuados, há uma relação que estabelece um elo com a abordagem foucaultiana, na medida em que apontam o papel da cultura no processo de modelação do corpo. Clifford Geertz (1989), por exemplo, enxerga a cultura como o conjunto de padrões e receitas que governam o comportamento humano. Para ele, a cultura modelou o homem como espécie única, pois, se não fosse dirigido por padrões culturais, "o comportamento do homem seria virtualmente ingovernável, um simples caos de atos sem sentido e de expressões emocionais" (GEERTZ, 1989, p.58). Também nessa direção, Norbert Elias (1990) propõe uma história dos costumes, enxergando o comportamento social como construção engendrada em espaço-tempo específico.

De acordo com Elias (1990), as demandas sociais de cada tempo histórico proporcionam transformações nos hábitos e costumes aceitos socialmente. Ele trabalha numa perspectiva que aponta que a história das "boas maneiras" está diretamente relacionada às regras de comportamento social, pois não se trata apenas da etiqueta, mas também da moral, da ética, e dos valores, internos e externos, que se revelam nos arrolamentos com o outro. Em sua abordagem, as relações sociais são elaboradas para e pelos homens, com o intuito de atender às demandas de cada momento

GUTEMBERG, Alisson; LIMA, Tiago José. Cinema, representação e relação de poder: uma análise do filme "Que horas ela volta?". *Domínios da imagem*, v. 11, n. 20, p. 298-310, jan./jun. 2017.

ISSN 2237-9126

histórico e, dessa forma, os costumes não podem e não devem ser naturalizados. Por sua vez, em *O método 4*, Edgar Morin (2011) aponta que a organização sociocultural ocupa, em cada ser, um santuário onde fixa os seus imperativos, normas e proibições, assim como um observatório, de onde controla as suas atividades.

Todavia, Morin traz uma perspectiva que dialoga com Foucault em sentido ampliado, pois aborda também os desvios de padrões, observando o lugar do conhecimento em meio à cultura. Ele analisa que o *imprinting* cultural, por vezes, aparece como entrave para o conhecimento. Segundo ele, "ainda amanhã, sem dúvida, os locais de onde jorrarão descobertas e criações serão *no man's land*, lugares difusos, mal determinados, à margem das disciplinas" (MORIN, 2011, p. 62), por meio de comportamentos *outsiders*, até mesmo no âmbito das esferas disciplinadas e disciplinarizantes. Há aqui uma correlação com Foucault (1979, 2003), quando ele aponta o surgimento de experiências pedagógicas que pregam a emancipação do saber e do indivíduo por meio de práticas que rompem com o espaço escolar. E é a partir das discussões teóricas aqui levantadas, que abordam corpo, poder e subjetividades, que buscaremos analisar, nas linhas que seguem, as relações sociais presentes na narrativa do filme *Que Horas Ela Volta?* (Anna Muylaert, 2015).

***Que Horas Ela Volta?* – enredo e análise**

Lançado em 2015 e dirigido por Anna Muylaert, *Que Horas Ela Volta?* aborda o cotidiano de uma família de classe média alta da cidade de São Paulo. O filme tem como elemento basilar as relações construídas dentro do âmbito familiar, tendo como personagem central os arrolamentos que envolvem a personagem Val e os patrões. Val é uma pernambucana que se mudou para São Paulo, em busca de um emprego, deixando para trás sua

GUTEMBERG, Alisson; LIMA, Tiago José. Cinema, representação e relação de poder: uma análise do filme "Que horas ela volta?". *Domínios da imagem*, v. 11, n. 20, p. 298-310, jan./jun. 2017.

ISSN 2237-9126

filha Jéssica. Com quem só consegue falar esporadicamente por telefone. Em *Que Horas Ela Volta?* há a dinâmica da imigração permitindo o sustento familiar, tema recorrente na representação dos indivíduos nordestinos no cinema, na literatura e nas telenovelas.

Na obra de Muylaert há vários momentos que abarcam nossa perspectiva, de observação das relações sociais estabelecidas por meio do binômio patrão-empregado, como por exemplo, nas diversas cenas em que Val é chamada, após a janta dos patrões, para "tirar a mesa". Vale destacar ainda a forma como os movimentos de câmera produzem sentido. Eles contribuem para transparecer as relações sociais impostas: sempre que os patrões estão jantando o nosso olhar é direcionado pelo ponto de vista de Val, a partir de uma visão restrita da sala de jantar, um enquadramento que foca a parede que divide o ambiente da empregada e o dos patrões, uma metáfora para demarcar espaços e mundos diferentes.

Contudo, em *Que Horas Ela Volta?*, a chegada de Jéssica, para prestar o vestibular da USP, altera a dinâmica na residência de Bárbara e Carlos, patrões de Val. A personagem não aceita as divisões e relações de poder impostas no âmbito da residência. A cena (Figura 1) em que Jéssica questiona a Val: "eu não sei onde tu aprendeu essas coisas que fica falando: não pode isso, não pode aquilo. Tava escrito em livro? Como é que é, quem te ensinou? Tu chegou aqui ficaram te explicando essas coisas?" é um ponto interessante para nossa análise, principalmente a resposta de Val: "isso aí ninguém precisa explicar não. A pessoa já nasce sabendo, o que pode e o que não pode". Fala que nos remete ao papel da cultura e do poder no exercício sobre o corpo, como colocado por autores como Norbert Elias (1990), Clifford Geertz (1989), Edgar Morin (2011) e Michel Foucault (1979, 2003).

Figura1- Val e Jéssica discutem.



Fonte: *Que Horas Ela Volta?* (Anna Muylaert, 2015).

Quanto a isso, Foucault (1979) observa, por meio de uma genealogia, que valores, crenças e normas são moldados pelo poder. Um poder que se ramifica na sociedade e que é exercido nas relações sociais. O fato de Val delimitar, inconscientemente, quais os espaços da casa que podia frequentar, quais os alimentos que podia consumir, coaduna com a perspectiva foucaultiana, de que o poder atua diretamente sobre o corpo do indivíduo. É por isso que Val não questiona as relações impostas, pois já teve seu corpo enquadrado. Já a chegada de Jéssica altera as relações de poder. Diferente da mãe, ela não reconhece autoridade em Bárbara, Carlos e Fabinho, e, por isso, questiona os comportamentos estabelecidos.

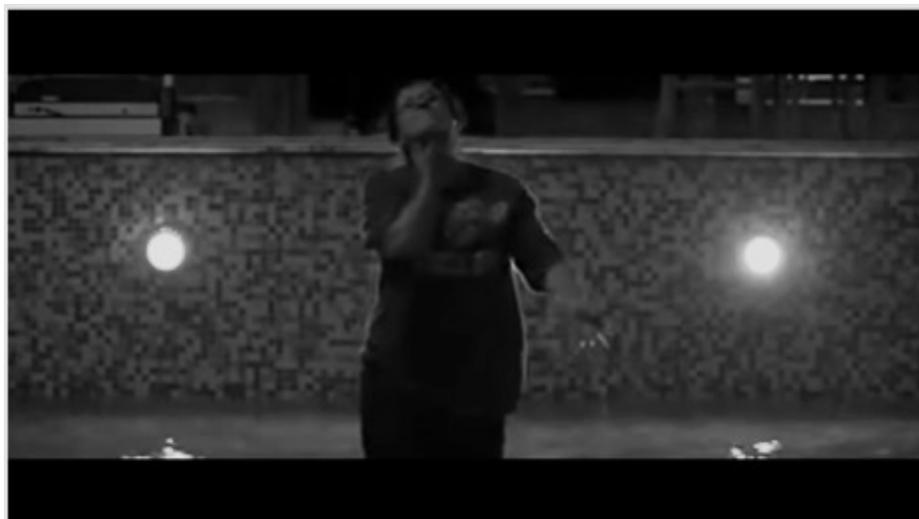
Para Jéssica, o comportamento de Val demonstra uma percepção pessoal de inferioridade, aspecto que ela questiona diversas vezes durante a narrativa. Fato que fica mais evidente quando, em um diálogo com Val, ela afirma: "eu não me acho melhor do que ninguém, só não me acho inferior, o que é bem diferente". Ver a filha conquistando espaços faz com que Val passe a enxergar de forma mais crítica o mundo a sua volta. Ela passa a perceber conflitos e a questionar as relações de poder, questão que se

GUTEMBERG, Alisson; LIMA, Tiago José. Cinema, representação e relação de poder: uma análise do filme "Que horas ela volta?". *Domínios da imagem*, v. 11, n. 20, p. 298-310, jan./jun. 2017.

ISSN 2237-9126

materializa metaforicamente no momento em que a personagem adentra na piscina (Figura 2). Ali, há um corte nas relações simbólicas do poder. É a desnaturalização da condição subalterna, o questionamento crítico do comportamento exercido, é a libertação do corpo simbolicamente enquadrado.

Figura2- Val dentro da piscina



Fonte: *Que Horas Ela Volta?* (Anna Muylaert, 2015).

Conclusão

A chegada de Jessica nos dá uma dimensão dialética (KONDER, 1985), levando em consideração a totalidade, das relações sociais estabelecidas na residência de Carlos e Bárbara. Se antes enxergávamos os fatos de maneira isolada, há a partir disso uma dimensão do total, aspecto que explicita as relações de poder e suas estruturas. É com o questionamento do hábito constituído que, por exemplo, Bárbara explicita o que acha de Jessica, quando, após ela ter entrado na piscina, liga para um funcionário pedindo que limpe a água pôs havia visto um rato.

GUTEMBERG, Alisson; LIMA, Tiago José. Cinema, representação e relação de poder: uma análise do filme "Que horas ela volta?". *Domínios da imagem*, v. 11, n. 20, p. 298-310, jan./jun. 2017.

ISSN 2237-9126

Observamos aqui uma relação entre o materialismo histórico, a ideia de totalidade, presentes no pensamento marxista, e a genealogia de Foucault (1979, 2003). Contudo, como já apontamos, há uma ruptura da premissa foucaultiana com a dialética marxista, pois, onde o marxismo vê contradição, Foucault observa reciprocidade: o poder não é apenas repressor, ele também cria prazer. Estabelece-se, também, como uma relação de trocas.

Na perspectiva de Foucault (1979, 2003), o poder é uma noção construída nos pormenores, nas relações diárias, que leva em consideração a totalidade, porém ele desconhece o poder como algo ligado apenas a questões de classe, pois ele aparece presente nas relações de maneira geral. Há em nossa análise da atuação do poder, a importância do concreto histórico (ENGELS, 2013), numa relação com a perspectiva materialista do marxismo clássico e a genealogia, na medida em que observamos a naturalização do comportamento subalterno como uma herança. Herança de estruturas que permeiam, no Brasil, desde o período escravocrata, por exemplo.

Dessa forma, acreditamos que o filme *Que horas ela volta?* trava discussões importantes dentro de nossa sociedade, pois busca debater questões anacrônicas e que persistem em nossas entranhas sociais. Vale ressaltar que, como coloca Edgar Morin (2011), os locais de descobertas e criações sempre serão *no man's land*, lugares difusos, mal determinados, à margem das disciplinas, frutos de comportamentos *outsiders*, e é dentro de tal perspectiva que Jéssica chega a São Paulo, questionando as estruturas de poder e garantindo uma vaga no curso de Arquitetura da USP.

Não há na obra, dentro das ações dos personagens, a busca por uma concepção marxista de revolução, de quebra das estruturas capitalistas. Não há o que Lyotard (1986) chama de meganarrativa marxista. Há sim uma perspectiva, que chamaremos aqui, de luta na "modernidade tardia"

GUTEMBERG, Alisson; LIMA, Tiago José. Cinema, representação e relação de poder: uma análise do filme "Que horas ela volta?". *Domínios da imagem*, v. 11, n. 20, p. 298-310, jan./jun. 2017.

ISSN 2237-9126

(GIDDENS, 2002), um modelo fragmentado. A obra de Muylaert questiona a forma como construímos as nossas relações sociais. Sendo assim, tendo como *leitmotiv* o que coloca Félix Guattari (1992), que as máquinas de comunicação atuam diretamente na produção de nossas subjetividades. Acreditamos que filmes como *Que horas ela volta?* são ferramentas importantes na luta por uma sociedade melhor. E que por isso merecem ser vistos, discutidos e debatidos.

Referências

AUMONT, Jacques. O filme como representação visual e sonora. In: AUMONT, Jacques et al. *A estética do filme*. São Paulo: Papirus, 1995.

BECKER, Howard S. *Falando da sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

ENGELS, Friedrich. Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã. *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, Salvador, v. 4, n. 2, p. 131-166, 2013.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. *Estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

GEERTZ, Clifford. O impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem. In: _____. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p. 25-40.

GUATTARI, Felix. Da produção da subjetividade. In: _____. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Ed 34, 1992.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

KONDER, Leandro. *O que é dialética*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GUTEMBERG, Alisson; LIMA, Tiago José. Cinema, representação e relação de poder: uma análise do filme "Que horas ela volta?". *Domínios da imagem*, v. 11, n. 20, p. 298-310, jan./jun. 2017.

ISSN 2237-9126

LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

MARCUSE, Herbert. *Ideias sobre uma teoria crítica da sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

METZ, Christian. *A significação no cinema*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

MORIN, Edgar. *O cinema ou o homem imaginário*. Lisboa: Relógio D'água Editores, 1997.

_____. *O método 4. As ideias: habitat, vida, costumes, organização*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

QUE Horas ela volta?. Dirigido por Anna Muylaert. Produção de Fabiano Gullane, Caio Gullane, Débora Ivanov e Anna Muylaert. Brasil: África Filmes, 2015. 1 DVD.

SOUZA, Washington Luis. Ensaio sobre a noção de poder em Michel Foucault. *Revista Múltiplas Leituras*, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 103-124, 2011.